

THEO VAN LEEUWEN E A ANÁLISE CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS

Iran Ferreira de MELO (Universidade de São Paulo)

RESUMO: este artigo objetiva apresentar alguns recentes postulados sobre representação desenvolvidos pelo linguista holandês Theo van Leeuwen (2008), cujo arcabouço teórico-metodológico é capaz de reconhecer nos signos linguísticos a apreensão de estruturas reveladoras de diversos significados sociais construídos para representar os indivíduos e os grupos humanos. Trata-se de uma análise crítica das formas textuais aparentemente isentas de valor representacional e da manipulação sócio-ideológica dessas formas nas diversas práticas de exclusão. Em face disso, apresentaremos tal empreendimento teórico-metodológico e crítico por meio de sua aplicação na análise descritiva a interpretativa de uma notícia sobre a atuação pública de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, na cidade de Recife, em prol da legitimidade de direitos humanos e na produção de políticas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Crítico. Linguagem. Ator social.

1. Introdução

As expressões de várias agendas teóricas ao longo da história da Linguística contemporânea inseriram em seus projetos de investigação o objetivo de entender como a linguagem representa a realidade extralinguística, ou seja, de que forma é possível atribuir sentido ao mundo através dos signos. Do pensamento semiológico e estruturalista saussuriano, passando pela lógica da semântica formal, pelos estudos filosóficos da linguagem e mais recentemente por pesquisas das correntes sociocognitivistas, muitas teses foram formuladas e revistas para compreender como é possível, através de estruturas, às vezes sumárias, não só refletir a realidade, mas constituí-la, dando-lhe sentido e, sobretudo, existência.

Tais estruturas são usadas, em nosso cotidiano, para nos referirmos àquilo que nos rodeia e fazemos isso de maneira explícita ou latente, classificando pessoas e grupos. Isso significa que mobilizamos ferramentas discursivas conforme a ordem ideológica investida na relação que mantemos com nosso interlocutor e com o objeto de nosso discurso (MELO, 2009). Essa tese é empreendida pelo linguista Theo van Leeuwen (2008) em suas pesquisas, com o objetivo de refletir acerca dos diversos modos por que os indivíduos podem ser referidos linguisticamente em nossa sociedade, mas, principalmente, com o intuito de revelar de que maneira as práticas sociais de representação textualmente orientadas funcionam como formas de manutenção e transformação de poder.

Diante disso, neste artigo tencionamos identificar como a operação das estruturas citadas por van Leeuwen nos fornece uma visão elucidativa e munida de ferramentas críticas para o entendimento sobre o modo de representação de um grupo historicamente alijado de seus direitos sociais – lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) –, mas que tem sido bastante noticiado em textos jornalísticos contemporâneos. Assim, destacaremos o papel político das escolhas linguísticas representacionais que esse pesquisador nos expõe e ressaltaremos o escopo social da teoria/método preconizada por ele e consequentemente o valor emancipatório de que nos empodera, não apenas como cientistas, mas principalmente como interventores sociais.

2. A teoria representacionalista de van Leeuwen

Theo van Leeuwen, a partir de um estudo desenvolvido na década de 1990 com textos públicos de língua inglesa, identificou várias escolhas que os usuários desse idioma fazem para se referirem às pessoas e às situações em geral. Diante disso, esse pesquisador esboçou um inventário sócio-semântico dos modos pelos quais os atores e as ações sociais podem ser representados. A esse trabalho ele estabeleceu relevância sociológica – uma vez que entende a prática linguístico-discursiva de representação como uma atividade eminentemente social – e, com isso, procurou não partir de categorias linguísticas já canonicamente apregoadas como recursos de referenciação, e sim buscou investigar que estruturas textuais, em geral, realizam essa função.

Para van Leeuwen (2008), não há biunivocidade apenas entre as práticas sociais e o sistema gramatical canônico que é descrito pela gramática tradicional (através de pronomes e elementos dêiticos em geral). Há também diversas formas da linguagem representar atores e ações sociais que ainda não foram catalogadas por essa gramática. Isso significa que, de acordo com esse linguista holandês, a língua dispõe de um potencial de representação muito maior do que se já foi descrito, que nem sempre percebemos ou classificamos.

Nessa perspectiva, cabe, portanto, ao linguista contemporâneo o papel de investigar os processos de representação sem se limitar às operações e categorias já catalogadas e estabelecidas no cânon. Para tanto, van Leeuwen oferece como exemplo a representação da agência e do seu ator, o agente, os quais são comumente descritos por meio do papel que um participante (sujeito) do anunciado ocupa ao atuar sobre outro (objeto) através de determinado processo (verbo) que lhe proporcione força, por exemplo, “parada gay *reúne* 200 mil pessoas”. Ele aponta que a língua dispõe de outras formas de agência que se realizam sem que percebamos, como no uso dos pronomes possessivos: “*Nosso* evento é o maior do Brasil” (destacaremos adiante). Com isso, van Leeuwen afirma que, se o linguista que desejar investigar o fenômeno da agência na linguagem restringir-se apenas às operações e categorias canônicas, muitos exemplos relevantes de agência serão ignorados.

Obviamente essa abordagem tem como pressuposto teórico a concepção de linguagem como uma prática entre outras da vida social capaz de materializar ideologias (FAIRCLOUGH, 1989). Portanto, os nomes dados por van Leeuwen às categorias que descreveu revelam muito mais o efeito de sentido que as estruturas fornecem do que valor linguístico dessas próprias estruturas (veremos mais adiante). Neste trabalho destacaremos as categorias que ele denomina de *exclusão* e *inclusão*, aplicando estritamente em nossa análise esta segunda.

3. A exclusão sociodiscursiva

De acordo com van Leeuwen (2008), todas as práticas envolvem atores sociais, mas nem todos são incluídos nas representações dessas práticas. Por isso, esse linguista busca inicialmente descrever, em sua abordagem, os processos de inclusão e exclusão de atores sociais que ocorrem na realização de um texto.

Como conceito sociológico, a exclusão revela-se de grande importância para os estudos críticos da linguagem, pois, de acordo com van Leeuwen (2008), tem sido um importante aspecto para saber como os atores sociais são contemplados em textos orais e escritos, uma vez que as “representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem.” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 28).

No estudo sistemático da exclusão, esse analista crítico percebeu que algumas formas de exclusão deixam marcas e outras, não. Diante disso, categorizou dois tipos de exclusão por meio do discurso: a *supressão* e o *encobrimento*, esta compreendida como o ato de colocar o ator em *segundo plano*. A primeira é uma forma de excluir sem deixar referência dos atores sociais em qualquer parte do texto. Já o encobrimento, ou segundo plano, consiste numa exclusão parcial: os atores excluídos podem não ser mencionados em relação a algumas atividades, mas são em relação a outras.

Van Leeuwen apresenta como tipos de realização textual da exclusão, seja por supressão ou por encobrimento, os seguintes mecanismos abaixo.

a) Apagamento do agente da passiva

Nesse tipo há a utilização de um processo na voz passiva sem a explicitação de um agente. Essa categoria, conforme van Leeuwen, é um dos recursos mais comuns de apagamento ou supressão textual de um ator social no texto, por isso considerado paradigmático e canônico no estudo gramatical. O exemplo a seguir ilustra isso.¹ Quem festeja?: “comunidade GLS [...] de Pernambuco comemorou ontem, pela primeira vez no Estado, o *Dia Internacional do Orgulho Gay* [...]. A celebração da data originou-se nos Estados Unidos há 30 anos e hoje é festejada em mais de 140 países, inclusive no Brasil”.

b) Utilização de orações infinitivas funcionando como participante gramatical (do enunciado)

Com esse tipo de supressão, como no excerto seguinte, o verbo (neste caso, conscientizar e tentar) funciona como participante gramatical, ou seja, atua no papel de sujeito/ator social da ação, não sendo, portanto, explicitado quem exerce a atividade: “A proposta, segundo o organizador do evento em Recife, Maurício Santana, é conscientizar a população dos direitos fundamentais do homem e, dessa forma, tentar reduzir o preconceito e a discriminação”.

c) Apagamento do participante beneficiário de uma atividade

Com o apagamento do beneficiário, não é possível sabermos que ator social foi contemplado por uma ação, como mostra o seguinte exemplo (para quem foram distribuídos os preservativos e os frascos de gel?)²: “Conforme prometido, dez mil preservativos e 10 mil frascos de gel lubrificante foram distribuídos ao longo do percurso”.

d) Nominalização de um processo

A nominalização é o procedimento de transformar em substantivo (nome) em uma palavra que não tem função substantiva, ou seja, como mostra o próximo exemplo: Quem intenciosa? Ou, de quem é a intenção? A ação de ter intenção ou intencionar é transformada na forma nominal: “O evento – que está em seu segundo ano – terá como lema *Preconceito agride, eu não!*. A intenção é levar cerca de 20 mil pessoas as ruas centrais da cidade, para marcar a passagem do *Dia do Orgulho Gay*, comemorado no próximo domingo”.

¹ Os exemplos apresentados neste tópico são retirados dos dados utilizados no trabalho denominado “A exclusão sócio-discursiva” que apresentamos no I Encontro de Pós-graduandos em Estudos Discursivos da USP (EPED), em março de 2009.

² Esse exemplo também apaga o agente da passiva (prometido e distribuído por quem?).

e) Adjetivação sem atribuidor

Na adjetivação sem atribuidor, a caracterização de algum elemento do texto é promovida sem que seja representada a sua autoria, ou, como mostra o exemplo a seguir, para quem o tempo estava *ruim*? Pelo senso-comum, o tempo ruim supõe ser um dia chuvoso, mas a opinião fornecida nesse exemplo não se sabe a quem atribuir: “Tempo ruim diminui público na terceira edição do evento em Pernambuco, ontem, no início da noite”.

Para van Leeuwen (2008, p. 31), as duas realizações da exclusão (supressão e encobrimento) “secundarizam os atores sociais em graus diferentes, mas ambas desempenham o seu papel na redução da quantidade de vezes que os atores sociais específicos são explicitamente referidos”. Isso acontece, segundo ele, porque se supõe que os leitores já sabem do que se está tratando, de modo que uma referência pormenorizada seria demasiado redundante, ou, como bem nos lembra, a partir de uma leitura mais crítica, “para bloquear o acesso ao conhecimento pormenorizado de uma prática [...] representada como algo que não vai ser nem examinado nem contestado” (2008, p. 30).

Desses cinco mecanismos postulados por Theo van Leeuwen para a representação excludente dos atores sociais, os três primeiros apresentados relacionam-se com o sistema de transitividade verbal, caracterizado por Halliday (1985) como um dos recursos linguísticos mais produtivos no exercício de representação social. E é sobre esse sistema que van Leeuwen se debruça mais ainda ao estudar a representação por inclusão, que veremos a seguir.

4. A inclusão sociodiscursiva

No processo de representação por inclusão, van Leeuwen destacou que há várias formas linguísticas que podemos identificar. A atribuição de papel no âmbito do sistema de transitividade é uma delas. Nossa análise se pautará nesse recurso.

Os atores sociais, quando são incluídos no discurso, desempenham funções, cuja representação pode dotá-los de papéis ativos e passivos. Atuam com papéis ativos aqueles que são representados como agentes ou forças de processos dinâmicos, o que Theo van Leeuwen denomina de *ativação*. Já o seu contrário, ou seja, quando os atores são representados como receptores desses processos, submetendo-se às ações, ele chama de *passivação*. Esses dois tipos de papéis podem-se realizar através de categorias gramaticais presentes num enunciado transitivo, ou seja, por meio da relação sintático-semântica que os participantes mantêm com o processo.

A ativação pode ocorrer de três formas: por participação, circunstancialização e possessivação.

A ativação por participação ocorre, como o nome deixa entrever, por meio dos papéis gramaticais dos participantes de um enunciado transitivo. Van Leeuwen, bem como Michael Halliday (1985), apontam nomes diferentes a cada participante ativo de acordo com a semântica dos processos (verbos). Para o processo material (aqueles que indicam ação física, “quebrar”, “construir”), denominamos de ator ou agente; para os processos comportamentais (de ações fisiológicas, “tossir”, “bocejar”), comportado; experienciador, para os processos mentais (ações cognitivas, “pensar”, “desejar”); dizente em processos verbais (de enunciação, “falar”, “reclamar”); e atribuidor nos relacionais (indicadores de características ou estados, “ser”, “estar”).³

Em relação à ativação por circunstancialização, a representação do ator social se dá através de circunstâncias preposicionais, como “de”, “por parte de”, entre outras.

³ Essa classificação está pautada na Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1985).

Já as situações em que a ativação se realiza por possessivação são aquelas que contém o uso de um pronome possessivo (nosso, meu) sem a explicitação do ator.

Na passivação o ator pode ser representado de duas maneiras: por sujeição e beneficiação.

A primeira ocorre quando o ator representa um elemento assujeitado ou também chamado de objeto. Ela também pode se realizar por meio de participação, circunstancialização e possessivação.

Quanto à representação passiva por participação, abaixo segue um quadro que relaciona a semântica do processo aos papéis dos participantes ativos e passivos.

Papel ativo	Processos	Papel passivo
ator/agente	material	objeto/sujeito/finalidade
experienciador	mental	fenômeno
comportado	comportamental	Ø
dizente	verbal	destinatário
atribuidor	relacional	portador

Quadro 01.

A circunstancialização passiva ocorre através da preposição “contra” e a representação passiva por possessivação funciona pela preposição “de”.

Já a beneficiação se concretiza também por meio da participação, mobilizando-se através do participante passivo do processo material, mas nos casos em que o ator social é representado como beneficiado por uma ação.

Neste artigo, por questão de espaço, analisaremos a utilização da ativação e passivação por participação, como focalizamos no quadro abaixo.

INCLUSÃO						
Ativação			Passivação			
			Sujeição			Beneficiação
Participação	Circunstancialização	Possessivação	Participação	Circunstancialização	Possessivação	Participação

Quadro 02.

5. Análise

O texto que segue abaixo faz parte do *corpus* que utilizamos na dissertação sobre a representação da homossexualidade em jornais pernambucanos defendida em 2007 na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, – UFPE – (MELO, 2007). Trata-se de uma notícia do jornal publicada no Diário de Pernambuco em junho de 2001 sobre a Parada da diversidade de São Paulo, evento político lúdico integrado às propostas do ativismo LGBT em todo o mundo (SIMÕES & FACCHINI, 2008). Naquele ano, os jornais pernambucanos ainda não tinham o costume de publicar notícias sobre as atividades políticas empreendidas por esse movimento, embora já houvesse grande mobilização social de LGBT, em nível nacional, para a garantia dos direitos desse atores.

Parada Gay reúne 200 mil pessoas

São Paulo – Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de *Gays*, *Lésbicas*, *Bissexuais* e *Transgêneros*, em São Paulo. Pela primeira vez em cinco anos, o evento foi aberto por um representante do Executivo municipal. A prefeita Marta Suplicy (PT) deu início à passeata com um discurso breve em que ressaltou o respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais. Durante o trajeto, a prefeita foi aplaudida. “Foi uma festa cívica da cidadania”, disse Marta. “A vida inteira eu carreguei essa bandeira contra a discriminação e o preconceito”. Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT). Os cantores Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa e iniciaram suas apresentações com o Hino Nacional, cantando em seguida o hino da parada.

Na utilização da metodologia de análise que van Leeuwen propõe é preciso, em primeiro lugar, identificar quais são os atores incluídos no texto. Percebemos a presença de quatro grupos de atores, que são representados por meio diferentes itens lexicais: LGBT, população, políticos e cantores. O quadro abaixo sumariza as ocorrências e as formas de representação desses atores.

INCLUSÃO			
LGBT	População	Políticos	Cantores
parada gay / parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros / parada / evento	200 mil pessoas	representante do Executivo municipal / prefeita Marta Suplicy (PT) / prefeita / Marta	Edson Cordeiro
homossexuais	paulistanos	deputado federal José Genoíno (PT)	Elza Soares

Quadro 03.

Quanto à representação por ativação, nessa notícia é possível afirmar que houve nove ocorrências. A primeira delas no título (Parada Gay reúne 200 mil pessoas). Nesse enunciado, o participante que representa LGBT está lexicalizado através do nome Parada Gay, que ocupa papel de ator, agente da ação de reunir 200 mil pessoas, portanto, nesse caso, dar-se ao grupo significado de autonomia e poder de intervenção. Já nos outros enunciados que apresentam participantes como agentes, simplesmente não há mais nenhuma referência ao grupo LGBT. Nos outros casos, são os demais atores (população, políticos e cantores) que atuam como agentes no restante do texto.

Em seguida, é a população que, embora seja representada no título como objeto da ação de LGBT, aparece logo no início do texto como agente de uma ação ligada ao próprio evento citado no título: “Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de *Gays*, *Lésbicas*, *Bissexuais* e *Transgêneros*, em São Paulo”.

A população também aparece no texto, como um grupo de atores que, no discurso relatado da prefeita Marta Suplicy, respeitam os homossexuais (parte do grupo LGBT): “o respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais”.

Na primeira ocorrência de ativação da população é selecionado um processo material (participar) e na segunda um processo um mental (respeitar) – mesmo que nominalizado através da palavra “respeito”. Em ambos os casos, como agente e experienciadora, a população se caracteriza como alguém que auxilia o objeto e fenômeno LGBT.

Já sobre os políticos, quatro enunciados podem ser observados, três deles com processos materiais e um com processo verbal: (1) “o evento foi aberto por um representante

do Executivo municipal”, (02) “a prefeita Marta Suplicy deu início à passeata”, (03) “Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT)” – processos materiais; (04) “foi uma festa cívica da cidadania”, disse Marta” – processo verbal. Seja como agentes, seja como dizentes os políticos citados na notícia ocuparam mais papéis ativos que todos os outros atores presentes. Isso é sintomático em se tratando de um texto que se propõe noticiar uma atividade do ativismo sóciopolítico de LGBT, representado apenas uma vez como agente e várias como objeto, como podemos ver também aqui com os políticos: “o evento foi aberto”, “deu início à passeata” e “disse Marta [sobre a parada]”.

No fim da notícia, ainda são citados alguns cantores, que são representados como agentes materiais que mobilizaram uma ação também sobre LGBT: “Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa e iniciaram suas apresentações”. Isso só vem reforçar o papel secundário e passivo dos supostos principais atores da notícia em tela.

Um panorama das ocorrências de ativação por participação pode ser visualizado no quadro abaixo, comparando a representação de LGBT com os outros atores.

ATIVÇÃO		
Participação		
Atores	Ocorrências	
LGBT	01	Parada Gay reúne 200 mil pessoas
Outros	08	<p>Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros</p> <p>O respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais</p> <p>O evento foi aberto por um representante do Executivo municipal</p> <p>A prefeita Marta Suplicy (PT) deu início à passeata</p> <p>“Foi uma festa cívica da cidadania”, disse Marta.</p> <p>Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT)</p> <p>Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa e iniciaram suas apresentações</p>

Quadro 04.

Em relação à passivação por participação, como já sinalizamos, houve um processo totalmente contrário ao da ativação com o grupo de atores que consideramos principal (LGBT). Estes assumem cinco vezes o lugar de objeto da ação dos outros atores. Duas dessas vezes através da palavra “festa”, que reatualizam o significado do evento como mobilização política para evento como atividade de entretenimento. Trata-se do enunciado “Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa” e a inserção da palavra no discurso relatado atribuído à então prefeita de São Paulo Marta Suplicy – “Foi uma festa cívica da cidadania”, disse Marta” –, ainda que o vocábulo “festa” esteja caracterizado como cívica da cidadania, uma vez que partimos do corolário de que as palavras possuem significados históricos e sua mobilização retoma sentidos revestidos de determinadas ideologias (HALLIDAY, 1985).

Afora esses dois enunciados, podemos perceber de maneira explícita a expressão do ator social LGBT através de papéis passivos em processos, como já mostramos, instanciados pela população e pelos políticos citados.

A população, também como já afirmamos, só disposta em posição passiva no título, os políticos, mais precisamente Marta Suplicy, aparecem como passivos unicamente na situação de beneficiados (“durante o trajeto a prefeita foi aplaudida”) e os cantores não constam em papel apassivador. O quadro abaixo faz um panorama das ocorrências de passivação por sujeição e beneficiação, novamente comparando a representação de LGBT com os outros atores.

PASSIVAÇÃO				
Atores	Ocorrências			
	Sujeição por participação		Beneficiação por participação	
LGBT	03	<p>Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros</p> <p>O evento foi aberto por um representante do Executivo municipal</p> <p>A prefeita Marta Suplicy (PT) deu início à passeata</p>	01	<p>O respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais</p>
Outros	01	<p>Parada Gay reúne 200 mil pessoas</p>	02	<p>Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT)</p> <p>Durante o trajeto, a prefeita foi aplaudida</p>

Quadro 05.

6. Considerações finais

Um exercício de análise como este pode jogar luz à discussão de como a língua é capaz de representar a realidade social, construindo imagens de autonomia ou submissão de indivíduos ou grupos. No nosso caso, o movimento LGBT, embora estivesse em atividade de evidente exercício cidadão, expressando e engendrando seu poder de mobilização social, foi, veementemente ofuscado e secundarizado numa notícia sobre essa sua atividade. Isso nos possibilita interpretar a força ideológica que edificou o texto em análise e o efeito de sentido que pode ser gerado a partir da forma como esse texto foi escrito.

Diante disso, ressaltamos o papel da investigação de Theo van Leeuwen na luta por desvelamento do poder que busca apagar a luta por um mundo menos desigual e opressor. Isso sem abdicar de um estudo linguístico estruturado e que privilegie tanto a natureza sintática quanto semântica, pragmática e discursiva da nossa língua.

Referências

- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.
- HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- MELO, I. F. **A concepção da homossexualidade em textos jornalísticos: uma análise crítica da transitividade verbal**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

_____. A exclusão sociodiscursiva como estratégia de representação social. In: GARCIA, B. R. V. et al (Orgs.). **Análises do Discurso**: o diálogo entre as várias tendências na USP. São Paulo: Editora Paulistana, 2009.

SIMÕES, J. A. & FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice**. New tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.